

Prática de Análise Linguística em narrativas de ficção: um olhar sobre as atividades da coleção *Português: Conexão e Uso*

Ana Paula Regner (NEPELIN)*

<https://orcid.org/0000-0001-9503-5123>

Francieli Matzenbacher Pinton (UFSM)**

<https://orcid.org/0000-0001-6821-4927>

Resumo:

Este trabalho objetiva analisar as atividades didáticas de Análise Linguística (AL) e de Produção de Textos, de um livro de 6º ano da coleção *Português: Conexão e uso*, para verificar em que medida ocorre a articulação entre as práticas de linguagem para o trabalho com a narrativa de ficção em uma perspectiva de gêneros textuais. De base qualitativo-interpretativista, o *corpus* do estudo é composto por 21 atividades de AL e 26 atividades de Produção de Textos presentes na unidade 1, *Da vida real à ficção*, seção *Leitura 1*. Para a análise, utilizamos como ferramentas teórico-metodológicas a taxonomia de Bloom revisada (Ferraz; Belhot, 2010) e os estratos da linguagem da Gramática Sistêmico-Funcional (Halliday; Mathiessen, 2014). Os resultados evidenciam que a articulação entre as atividades de AL e produção de textos ocorre apenas entre os processos cognitivos e os níveis de complexidade. Os objetos de conhecimento não abordam os movimentos retóricos nem dão subsídios para que os alunos analisem e empreguem a linguagem de forma adequada na produção da narrativa de ficção. No que concerne aos estratos da linguagem, a semântica, apesar de ser majoritariamente explorada nas atividades de AL, é mobilizada em apenas uma atividade de Produção de Textos.

Palavras-chave: Atividades de AL; Atividades de Produção de Textos. Livro didático. 6º ano do Ensino Fundamental.

* Doutoranda em Estudos Linguísticos e Cognição na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) com bolsa PROSUC/CAPEL. Mestre em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e graduada em Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa pela UFSM. Desde 2018, é integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Linguagem (NEPELIN). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2001005534825412>. E-mail: anaregner@mx2.unisc.br.

** Professora Adjunto A do Departamento de Letras Vernáculas do Centro de Artes e Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Membro da Associação Latino-americana de linguística Sistêmico-funcional (ALSFAL) e do Grupo de Trabalho Gêneros Discursivos/textuais da ANPOLL. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Linguagem (NEPELIN). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1979338178408389>. E-mail: francielimatzenbacher@gmail.com.

Abstract:

Linguistic analysis practice in fictional narratives: a look at the activities in the Portuguese: Connection and Use collection

This work aims to analyze the didactic activities of Linguistic Analysis (LA) and Text Production, of the 6th grade textbook from the collection *Português: Conexão e uso (Portuguese: Connection and Use)* to verify to what extent the articulation between language practices occurs for the work with the fiction narrative in a perspective of textual genres. Based on a qualitative-interpretative approach, the corpus of the study is made up of 21 LA activities and 26 Text Production activities in unit 1, From real life to fiction, reading section 1. For the analysis, we used Bloom's revised taxonomy (Ferraz; Belhot, 2010) and the Systemic-Functional Grammar (SFG) language strata (Halliday; Mathiessen, 2014) as theoretical and methodological tools. The results show that the articulation between LA activities and text production occurs only between cognitive processes and levels of complexity. The knowledge objects of the LA activities do not address rhetorical movements or provide support for students to analyze and use language appropriately in the production of fictional narratives. With regards to the strata of language, semantics, despite being mostly explored in the LA activities, is mobilized in only one Text Production activity.

Keywords: LA activities; Text production activities. Textbook. 6th grade.

Introdução¹

Ao repensar o ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica e considerar a linguagem como uma forma de interação social, João Wanderley Geraldi propõe, em *O texto na sala de aula* (1984), que o objeto das atividades da Prática de Análise Linguística (PAL) deve ser o texto produzido pelos alunos nas aulas de produção textual. De forma contrária ao ensino tradicional predominante na década de 80, a PAL não pode “[...] limitar-se à higienização do texto do aluno em seus aspectos gramaticais e ortográficos, limitando-se a ‘correções’. Trata-se de trabalhar com o aluno o seu texto para que ele atinja seus objetivos junto aos leitores a

que se destina” (Geraldi, 1984, p. 74). Posteriormente, o autor amplia o escopo e afirma que para contemplar a PAL devem ser mobilizadas atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas a partir dos diferentes gêneros textuais.

Em 1997, os Parâmetros Curriculares Nacionais, dovarante PCN, organizam os conteúdos da língua portuguesa (LP) em dois eixos básicos: o uso e a reflexão. De acordo com o documento, as práticas de Escuta, Leitura e Produção de Textos orais e escritos, do eixo do uso, deveriam estar articuladas com a PAL, do eixo da reflexão, para ampliar a competência linguística dos estudantes. Duas décadas depois, é homologada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o novo documento que define as aprendi-

1 Este estudo foi desenvolvido com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior –Brasil (CAPES).

zagens que devem ser asseguradas aos estudantes das redes públicas e privadas do país. Na BNCC, a PAL/Semiótica é concebida como uma das práticas de linguagem da LP, ao lado da Leitura, Produção Textual e Oralidade. Esse eixo de ensino envolve as “[...] estratégias (meta)cognitivas de análise e avaliação consciente, durante os processos de leitura e de produção de textos (orais, escritos e multissemióticos) [...]” (Brasil, 2018, p. 80).

Alinhadas à BNCC, as coleções do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) passaram a ser organizadas em competências e habilidades para promover o trabalho com as práticas de linguagem. A obra *Português: conexão e uso* (2018), por exemplo, aborda, tanto no manual do professor quanto no LD do aluno, o trabalho com as habilidades da BNCC, o qual ocorre ao longo das atividades das unidades, seções e subseções que compõem os volumes (Delmanto; Carvalho, 2018). No entanto, na academia, são sinalizadas lacunas acerca da PAL no LD como: a falta de equilíbrio entre atividades epilinguísticas e metalinguísticas (Piano, 2018;), conceitos genéricos e descontextualizados da realidade dos educandos (Rodrigues, 2019) e gêneros textuais usados como pretextos para o ensino de gramática (Santos; Gomes, 2021).

Vislumbrando o LD como uma das principais ferramentas do docente, é evidente a necessidade de estudos que apontem caminhos para a operacionalização da PAL na sala de aula (Pinton; Silva, 2021; Regner; Pinton, 2022; Pinton, Barreto; Steinhorst, 2022) a partir do LD. Assim sendo, a presente pesquisa tem por objetivo analisar as atividades didáticas de AL e de Produção de Textos, da coleção *Português: Conexão e uso*, em termos de níveis de complexidade, objetos de conhecimento e estratos da lingua-

gem para verificar em que medida ocorre a articulação entre as práticas de linguagem para o trabalho com a narrativa de ficção em uma perspectiva de gêneros textuais, conforme preconizado pela BNCC.

Considerando o exposto, para além desta seção de Introdução o trabalho está organizado em mais quatro seções. Inicialmente, na *Revisão da Literatura*, retomamos os principais conceitos da PAL e a forma em que essa prática de linguagem está incorporada nos documentos norteadores de ensino. Em um segundo momento, na *Metodologia*, explicitamos o universo, o *corpus* e os procedimentos de análise das atividades. Na sequência, na *Análise e discussão dos dados*, apresentamos os principais resultados das atividades em termos de níveis de complexidade, objetos de conhecimento e estratos da linguagem. Por fim, nas *Considerações finais*, fazemos uma síntese dos principais resultados e indicamos possibilidades de trabalhos futuros na área da Linguística Aplicada.

A Prática de Análise Linguística como ferramenta articuladora

Tendo em vista o cenário educacional brasileiro, no início da década de 80, a PAL surge “[...] como alternativa complementar às práticas de leitura e produção de textos, dado que possibilitaria a reflexão consciente sobre fenômenos gramaticais e textual-discursivos que perpassam os usos linguísticos” (Mendonça, 2006, p. 204). Esse termo é apresentado pela primeira vez na academia por Geraldini, em 1984, no artigo *Unidades básicas do ensino de português*, o qual compôs a coletânea *O texto na sala de aula*. Nesse viés, ao defender uma perspectiva sociointeracionista da língua, o autor reconhece que apenas o estudo dos fenômenos linguísticos em si, não dá conta da totalidade do texto.

No que concerne ao texto, ele é considerado por Geraldi (1984) como o objeto da PAL dada a preocupação em abordar o uso efetivo da linguagem levando em consideração o contexto de produção, circulação e consumo. Embora essa primeira obra de Geraldi (1984) apresente uma proposta de trabalho com o texto de uma forma mais tradicional, em que o aluno deve partir do erro para a correção, a menção às atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas, na visão de Polato e Menegassi (2021), representa um “novo olhar” para o papel do aluno e do professor. Na visão deles, por exemplo, “[...] a prática reflexiva de análise linguística convoca a participação real do sujeito aluno, que no papel de coprodutor de textos é coprodutor de sentidos, sendo o professor responsável por orientar e mediar essa reflexão” (Polato; Menegassi, 2021, p. 31).

Em *Portos de Passagem*, com base em Franchi (1987), Geraldi (1991) apresenta o tripé da PAL: atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas, as quais contemplam respectivamente as operações linguísticas que os sujeitos realizam *com*, *sobre* e *da* linguagem. As atividades linguísticas compreendem tanto os recursos mobilizados pelo locutor quanto a compreensão por parte do interlocutor, ou seja, “[...] são praticadas nos processos interacionais” (Geraldi, 1991, p. 20). As atividades epilinguísticas partem dos efeitos de sentido que são detectados e, por isso, elas “[...] suspendem o tratamento do tema a que se dedicam os interlocutores para refletir sobre os usos expressivos que estão usando” (Geraldi, 1991, p. 24). Por fim, as atividades metalinguísticas se referem à sistematização dos conceitos gramaticais em que a linguagem é concebida como objeto e “[...] não mais enquanto reflexão vinculada ao próprio

processo interativo, mas conscientemente constroem uma metalinguagem sistemática com a qual falam sobre a língua” (Geraldi, 1991, p. 25).

No que concerne aos documentos norteadores de ensino, a natureza das atividades é reforçada pelos PCN, os quais defendem que, além das atividades linguísticas que se realizam a partir da Leitura, Escuta e Produção de Textos, é necessário o equilíbrio entre atividades epilinguísticas e metalinguísticas (Brasil, 1998). Mais recentemente, a BNCC (Brasil, 2018) apesar de fazer apenas duas menções à “metalinguagem”, sustenta que, na prática de AL/Semiótica, as atividades metalinguísticas devem “[...] estar envolvidas em práticas de reflexão que permitam aos estudantes ampliarem suas capacidades de uso da língua/linguagens” (Brasil, 2018, p. 71). Ademais, essas atividades devem explorar gêneros dos diversos campos de atuação humana: jornalístico-midiático, artístico-literário, práticas de estudo e pesquisa e atuação na vida pública, a partir da integração entre as práticas de AL/Semiótica, Leitura, Oralidade e Produção de Textos.

Dessa forma, para orientar o desenvolvimento de atividades que compõem o tripé da PAL, a BNCC ainda apresenta objetos de conhecimento e habilidades de acordo com os anos específicos ou blocos de anos (6º e 7º ano, 8º e 9º ano e 6º ao 9º ano) para serem desenvolvidas ao longo de todo o Ensino Fundamental. Nesse viés, no documento, a unidade de ensino da PAL são os textos (orais, escritos e multissemióticos) e estes devem explorados em suas múltiplas facetas, inclusive do ponto de vista gramatical. Por fim, considerando o fato de que a BNCC vem orientando o trabalho da PAL em termos de atividades e objetos de conhecimento nas coleções de livros didáticos, essas

categorias são essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa.

Práticas de linguagem no LD do 6º ano: uma proposta de análise

O presente estudo é de base qualitativo-interpretativista porque a ênfase é dada “[...] sobre as qualidades das entidades e sobre os processos e os significados que não são examinados ou medidos experimentalmente” (Denzin; Lincoln, 2006, p. 23). Tendo em vista o objetivo de analisar as atividades didáticas de AL e de Produção de Textos em termos de níveis de complexidade, objetos de conhecimento e estratos da linguagem para verificar em que medida ocorre a articulação entre as práticas de linguagem para o trabalho com a narrativa de ficção numa perspectiva de gêneros textuais o universo de análise corresponde à coleção *Português: conexão e uso*. Segundo o Sistema do Material Didático (SIMAD), foi uma das coleções mais distribuídas entre as escolas rurais e urbanas do município de Santa Maria²¹ pelo PNLN em 2022. Além disso, selecionamos o exemplar do 6º ano do Ensino Fundamental porque esse ano escolar representa a transição entre o Ensino Fundamental I e II.

Desse volume, como *corpus*, selecionamos 21 atividades de AL e 26 atividades de Produção de Textos que aludem ao gênero narrativa de ficção. Essas atividades estão presentes na unidade 1, *Da vida real à ficção*, seção *Leitura 1* e subseções³² *Exploração do texto*, *Recursos Expressivos*, *Cultura Digital*, *A língua não é sempre a mesma* e

2 Referência ao local em que atuam as professoras-pesquisadoras, autoras deste artigo.

3 Dentre as subseções da seção *Leitura 1*, apenas as atividades da subseção *Reflexão sobre a língua* não foram analisadas tendo em vista que não focalizavam o gênero abordado na unidade.

Produção escrita. Ademais, a seção *Leitura 1* foi escolhida por abranger atividades referentes às práticas de linguagem foco desta investigação.

Os procedimentos de análise envolveram seis etapas. Inicialmente, realizamos a leitura exploratória das atividades. Na sequência, organizamos as atividades de AL e Produção de Textos segundo o código alfanumérico ELD6#1. No que concerne ao código alfanumérico, o (E) corresponde ao enunciado, o (LD6) ao livro didático do 6º ano do Ensino Fundamental e após a cerquilha (#), o número a que se refere a tarefa em questão. Nas etapas 3 e 4, verificamos os objetos de conhecimento com base na BNCC e identificamos os processos cognitivos dos níveis de complexidade propostos pela Taxonomia de Bloom, revisada por Ferraz e Belhot (2010) (Figura 1).

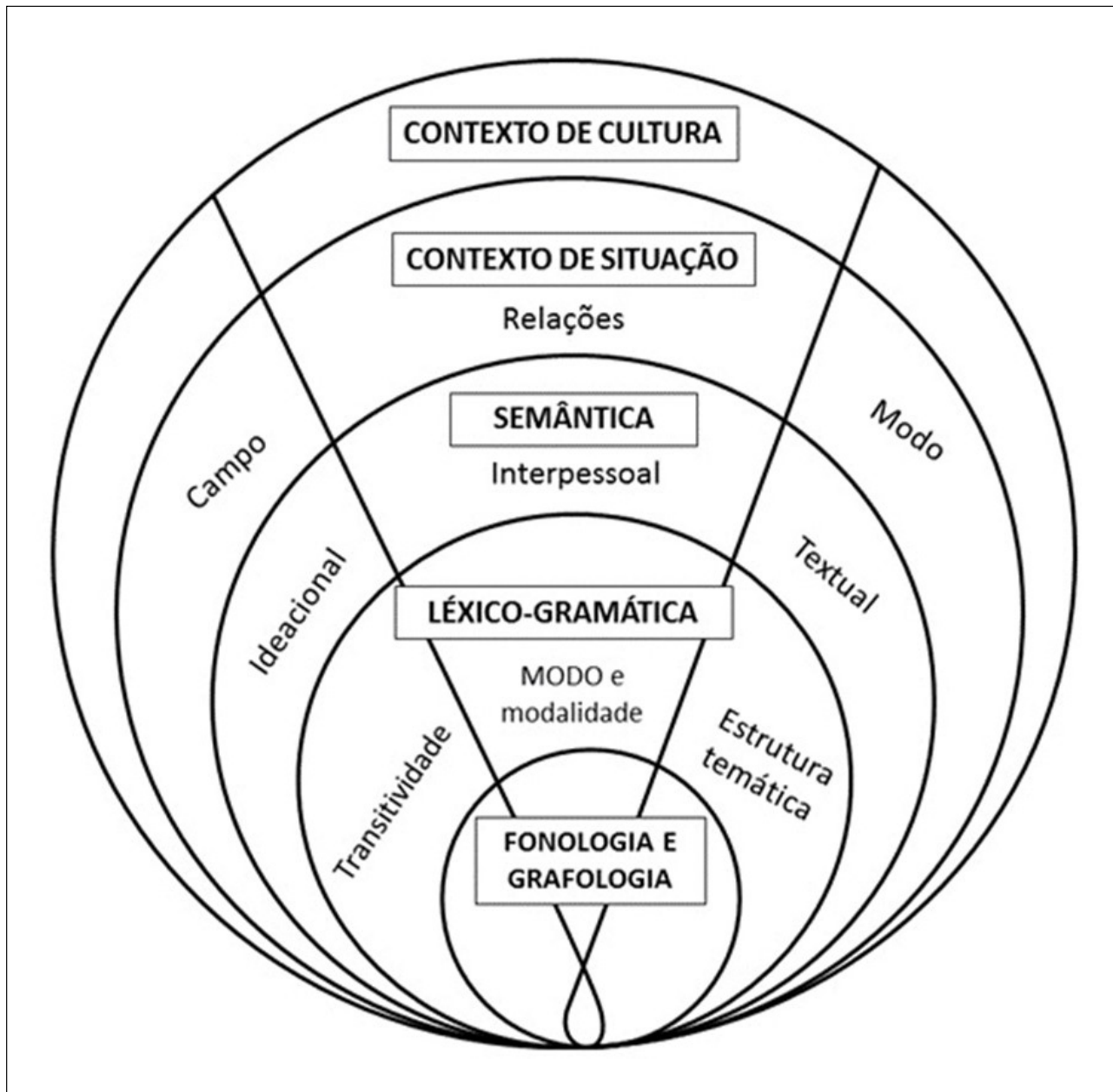
Figura 1 - Domínios do conhecimento na Taxonomia de Bloom



Fonte: Steinhorst (2023, p. 74), adaptado de Ferraz e Belhot (2010).

Em continuidade, nas etapas 5 e 6, verificamos os estratos da linguagem contemplados nas tarefas, com base na GSF (Halliday; Matthiessen, 2014) (Figura 2) e categorizamos os achados.

Figura 2 - Linguagem como sistema estratificado



Fonte: Schmitt (2021, p. 43), adaptado de Fuzer e Cabral (2014, p. 33).

Análise e discussão dos dados

O foco da unidade 1, intitulada *Da vida real à ficção* é o campo artístico-literário. Para isso, na seção *Leitura 1*, é explorado o gênero narrativa de ficção com a premissa de “[...] ampliar o contato dos alunos com manifestações literárias, em especial o texto ficcional narrativo, para que possam compreendê-las e apreciá-las de forma a contribuir para a formação do leitor literário e sua adesão a práticas de leitura” (Delmanto; Carvalho, 2018, p.

10). Em conformidade com a BNCC, no início da unidade, são mencionados os aspectos a serem trabalhados em cada uma das práticas de linguagem. No que diz respeito à AL/Semiótica, são apontados os conceitos de língua (escrita e falada), linguagem e variação linguística e em relação à Produção de Textos, a criação de uma narrativa de ficção. A proposta de escrita desse gênero é apresentada na subseção *Produção Escrita* (Figura 3).

Figura 3 - Proposta de Produção Textual do gênero narrativa de ficção

Produção escrita

PRODUÇÃO DO ANO

Não escreva no livro!

Narrativa de ficção

Na *Leitura 1*, você leu o trecho de uma narrativa de ficção em *Diário de Pilar na Amazônia*. Você gosta de histórias de ficção? E de criar histórias? Leia esta tira sobre o ato de escrever e criar.

RIBEIRO, Estevão. Quando a história te pega... *Os passarinhos*, 23 jun. 2017. Disponível em: <<http://www.ospassarinhos.com.br/2017/06/23/quando-a-historia-te-pega/>>. Acesso em: 30 maio 2018.

Que tal criar um personagem e produzir algumas páginas de uma narrativa de ficção? Seus leitores serão os colegas da turma e outros alunos da escola.

Em sua produção, o personagem (que pode ser feminino ou masculino) vai narrar, assim como Pilar, um episódio que viveu, relatando acontecimentos de seu cotidiano, seu relacionamento com outros personagens, seus sentimentos, desabafos, impressões e reflexões.

Sua produção será divulgada no Almanaque que vamos elaborar no final do ano e estará disponível para a leitura dos colegas de outras turmas, familiares e amigos.

Fonte: Delmanto e Carvalho (2018, p. 28).

Tendo em vista as 62 atividades presentes na unidade 1, seção *Leitura 1*, é possível afirmar que não há outro gênero textual que auxilie o aluno a produzir o exemplar da narrativa de ficção. Dentre os 62 enunciados, 33,9% (21 atividades) contemplam a prática de AL e 41,9% (26 atividades) a prática de Produção de Textos, o que revela que as atividades não contemplam essas práti-

cas de linguagem de forma proporcional.

No que concerne aos processos cognitivos e os níveis de complexidade, as atividades de AL contemplam em 52,4% (11 atividades) e 38% (8 atividades) respectivamente os níveis intermediário e básico de complexidade. Em menor percentual, segundo a Figura 4, 9,5% (2 atividades) é mobilizado o nível avançado.

Figura 4 – Processos cognitivos e níveis de complexidade das atividades de AL da unidade 1

Avaliar (2 atividades)	➔	Nível Avançado
Analisar (11 atividades)	➔	Nível Intermediário
Lembrar (8 atividades)	➔	Nível Básico

Fonte: adaptada de Regner (2024, p. 128).

Revista Tabuleiro de Letras, v. 18, n. 01, p. 29-43, jan./jun. 2024

| 35

As tarefas de AL dão conta do processo “analisar”, no nível intermediário, do processo “lembrar”, no nível básico e, por fim, do processo “avaliar”, no nível avançado. A análise, mobilizada predominantemente por enunciados epilinguísticos, permite o estudante refletir sobre a importância de elementos linguísticos como os verbos (1), advérbios, discurso direto e indireto e a coesão para a textualização do texto.

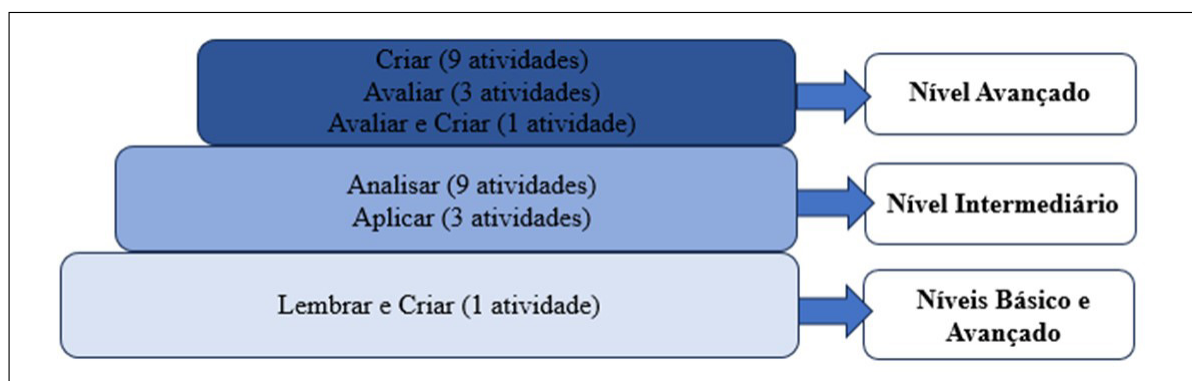
(1) O texto que você leu é o trecho de uma narrativa. Nela, a personagem Pilar conta fa-

tos, fala de seus sentimentos, desejos, e dá opiniões sobre o que vive ou presencia e sobre as pessoas com quem convive.

ELD#1 O trecho está escrito em 1ª pessoa. Por que foi feita essa escolha?

Diferentemente das atividades de AL, 50% (13 atividades) de Produção de Textos contemplam o nível avançado de complexidade, o que pode ser visto na Figura 5. Além disso, em menor percentual, 46,1% (12 atividades) pertencem ao nível intermediário e 3,8% (1 atividade) aos níveis básico e avançado.

Figura 5 – Processos cognitivos e níveis de complexidade das atividades de Produção de Textos da unidade 1



Fonte: adaptada de Regner (2024, p. 131).

Os enunciados do nível avançado prestigiam em 34,6% (9 atividades) o processo “criar”, em 11,5% (3 atividades) o processo “avaliar” e em 3,8 (1 atividade) os processos “avaliar” e “criar”. Na sequência, as atividades do nível intermediário focalizam em 34,6% (9 atividades) e 11,5% (3 atividades) os processos “analisar” e “aplicar”. Ainda, de forma concomitante, é feita menção em 3,8% (1 atividade) aos processos “lembrar” e “criar”. A partir da criação, o processo cognitivo mais recorrente, cabe ao aluno definir o personagem e seus sentimentos, os fatos, os conflitos e o desfecho da narrativa de ficção (2).

(2) Quanto ao desenvolvimento da narrativa, responda aos itens a seguir no caderno.

Eles vão ajudá-lo a organizar a sequência da história.

ELD#8 Como a narrativa será encerrada? (terá um final ou será somente um trecho inacabado? Se tiver final, será feliz ou triste?).

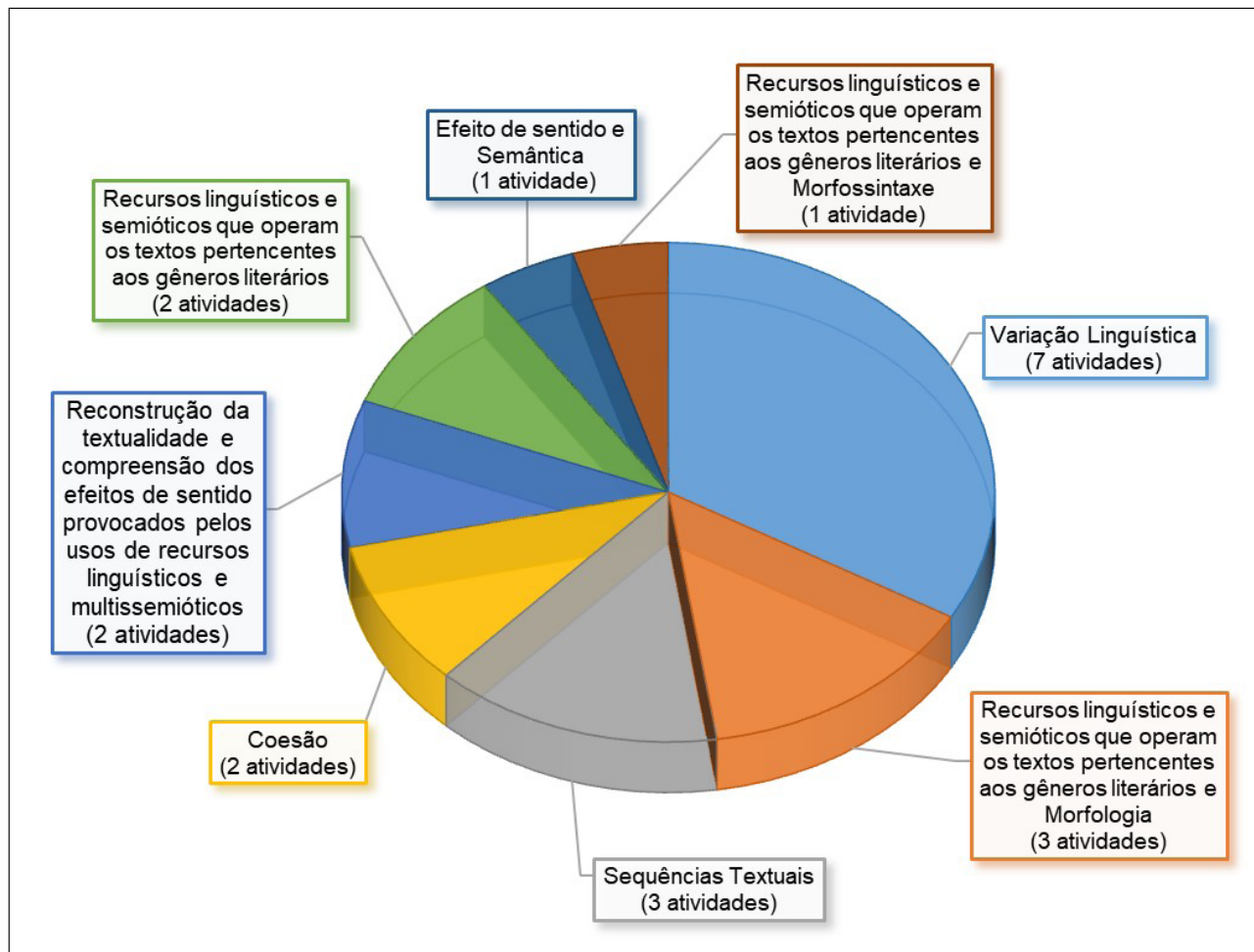
Dessa forma, ao contrastar os processos cognitivos e os níveis de complexidade requeridos pelas atividades podemos perceber que os enunciados de AL fornecem subsídios para a prática de Produção de Textos. Ao passo que as atividades de AL concentram-se majoritariamente nos níveis intermediário e básico, as atividades de Produção de Textos, recorrentemente, situam-se no nível avançado. Assim, conforme proposto pela BNCC, ocorre a progressão do conhe-

cimento, isto é, os alunos não só possuem a oportunidade consolidar saberes prévios como também podem experimentar o novo (Brasil, 2018).

Tendo em vista os objetos de conhecimento, as atividades de AL, conforme o Grá-

fico 1, abordam em 33,3% (7 atividades) a variação linguística, em 14,3% (3 atividades) os recursos linguísticos e semióticos que operam nos textos pertencentes aos gêneros literários e Morfologia, e em 14,3% (3 atividades) as sequências textuais.

Gráfico 1 - Objetos de conhecimento das atividades de AL da unidade 1



Fonte: Regner (2024, p. 134).

Na sequência, em menor proporção, as atividades de AL contemplam em 9,5% (2 atividades) a coesão, em 9,5% (2 atividades) a reconstrução da textualidade e compreensão dos efeitos de sentido provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos e em 9,5% (2 atividades) os recursos linguísticos e semióticos que operam nos textos pertencentes aos gêneros literários. Considerando o objeto de conhecimento mais recorrente, a variação linguística, as atividades presentes na subseção *A língua*

não é sempre a mesma não fazem menção ao gênero trabalhado, mas sim, a um *blogue*⁴. O *blogue* pertence à personagem Pilar, a protagonista da narrativa de ficção, apresentada no início da unidade. Nesses enunciados, o discente precisa analisar o modo (formal ou informal) que os internautas se expressam e os recursos linguísticos característicos do contexto sociocomunicativo da internet. Além disso, em atividades

⁴ Entendemos, neste contexto investigativo, o *blogue* como suporte textual.

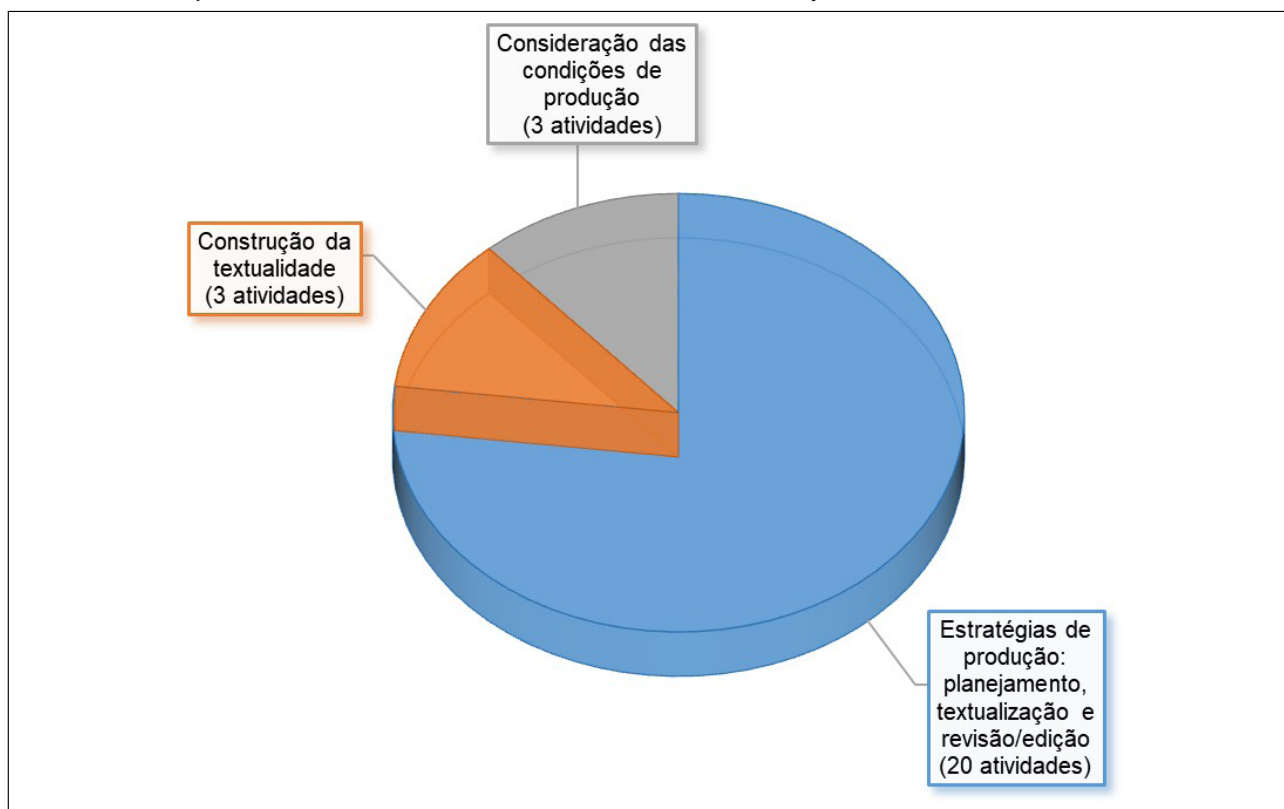
de maior nível de complexidade, quando é requerida a avaliação sobre a linguagem informal ser adequada ou não, a narrativa de ficção sequer é mencionada, o que pode ser visto em (3).

(3) Na internet, é frequente o uso de expressões típicas da fala. Além disso, são comuns reduções de palavras, abreviações, falta de pontuação ou repetição exagerada de pontos de exclamação ou de interrogação, uso de grafia não oficial, etc.

ELD#21 Essa linguagem estaria adequada a um documento oficial ou a um artigo publicado em um jornal de circulação nacional? Explique.

Por outro lado, de acordo com o Gráfico 2, as atividades de Produção de Textos focalizam em 76,9% (20 atividades) as estratégias de produção: planejamento, textualização e revisão/edição e a construção da textualidade e a consideração das condições de produção presentes cada um, em 11,5% (3 atividades).

Gráfico 2 - Objetos de conhecimento das atividades de Produção de Textos da unidade 1



Fonte: Regner (2024, p. 136).

No que concerne às atividades que contemplam as estratégias de produção: planejamento, textualização e revisão/edição, elas permitem que o aluno vislumbre a escrita como um processo. Esse processo inicia com o planejamento, etapa em que o estudante deve, a partir de perguntas propostas pelas autoras do LD, definir os personagens, fatos, conflito e o desfecho do texto. Na sequência, para a textualização, é dada ênfase para alguns aspectos lingüís-

ticos que devem ser considerados como a escrita em primeira pessoa, tempos verbais, verbos de dizer, sequências textuais e a ortografia. Na medida em que esses aspectos são mencionados, outros essenciais para a escrita da narrativa de ficção são escamoteados, a exemplo dos movimentos retóricos e a variedade linguística. Dando continuidade, a revisão, em um primeiro momento, deve ocorrer entre os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental para que

verifiquem se todas as orientações foram atendidas (4). Por fim, a reescrita ocorre após a revisão do texto pelos colegas e pelo professor.

(4) Terminada a produção, troque seu texto com um colega para que ele verifique se você seguiu todas as orientações. Faça o mesmo com o texto dele. Observem principalmente os seguintes pontos:

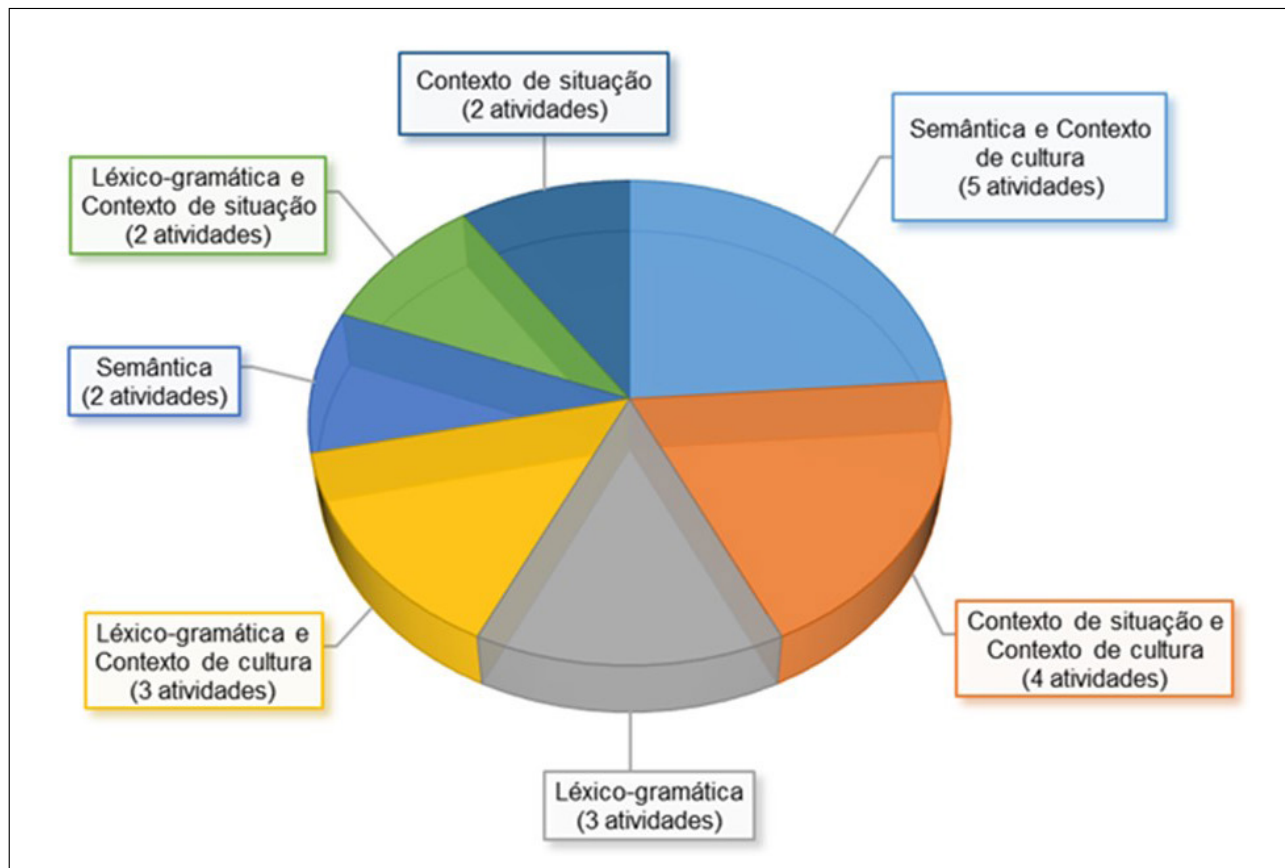
ELD#15 Foi criado um personagem? O leitor consegue compreender quem é esse personagem?

Tendo em vista os objetos de conhecimento, constatamos que, embora as atividades de AL prestigiem os recursos linguísticos e semióticos que operam os textos pertencentes aos gêneros literários e morfologia, as sequências textuais e a coesão para o planejamento, textualização e revisão/edição da narrativa de ficção elas não fazem

menção aos movimentos retóricos do gênero. Além disso, os enunciados de AL, ao passo que não propiciam a reflexão sobre o uso da língua, não dão propriedade para que o estudante adquira a consciência linguística acerca do gênero. Dessa forma, não ocorre uma articulação efetiva entre as atividades de AL e Produção de Textos para o trabalho com a narrativa de ficção em uma perspectiva de gêneros textuais.

A análise dos estratos da linguagem revelou a predominância de enunciados de AL que abordam em 23,8% (5 atividades) a semântica e o contexto de cultura e em 19% (4 atividades) o contexto de situação e o contexto de cultura. Ademais, em 14,3% (3 atividades) é contemplada tanto a léxico-gramática quanto a léxico-gramática e o contexto de cultura. A distribuição dos estratos pode ser conferida no Gráfico 3.

Gráfico 3 - Estratos da linguagem contemplados pelas atividades de AL da unidade 1



Fonte: Regner (2024, p. 139).

A partir do Gráfico, podemos perceber que, nas atividades de AL, há um equilíbrio entre os estratos do nível linguístico e extra-linguístico da linguagem. Dentre os estratos mais recorrentes, a semântica e o contexto de cultura, o primeiro estrato é mobilizado em enunciados epilinguísticos, em que o aluno deve analisar os efeitos de sentido do uso da 1ª pessoa, palavras e expressões que promovem a coesão sequencial, abreviaturas, repetição de letras, pontuação para indicar sentimentos e o uso de diminutivos afetivos. Por outro lado, o segundo estrato, o contexto de cultura, promove uma ampliação dos mecanismos necessários para a construção do gênero, de tipologia narrativa, o narrador (5).

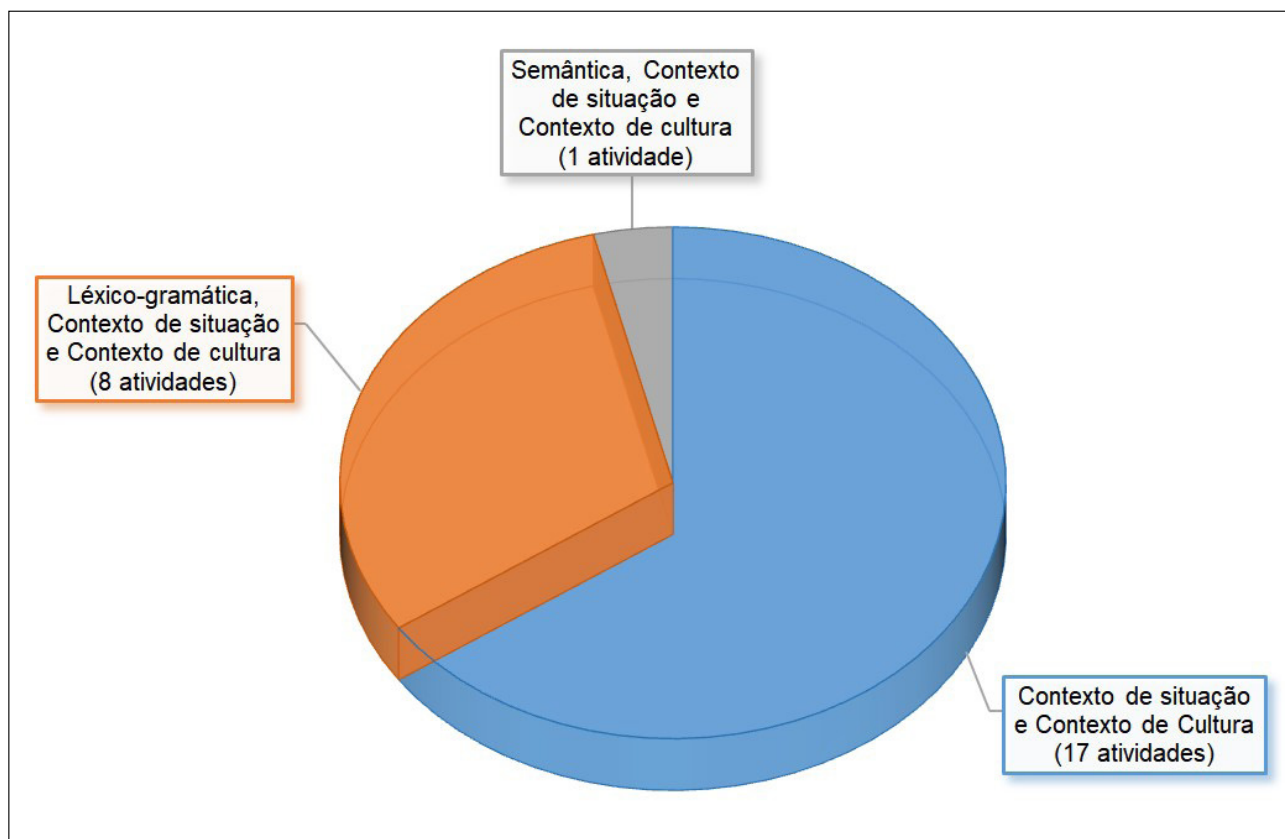
(5) O texto que você leu é o trecho de uma

narrativa. Nela, a personagem Pilar conta fatos, fala de seus sentimentos, desejos, e dá opiniões sobre o que vive ou presencia e sobre as pessoas com quem convive.

ELD#2 Se a história fosse contada por Breno, ocorreriam modificações na narrativa? Se sim, considerando o que sabemos até agora desta leitura, qual seria a mais significativa?

Em se tratando das atividades de Produção de Textos, elas contemplam majoritariamente, em 65,4% (17 atividades), o contexto de situação e o contexto de cultura, o que pode ser visto no Gráfico 4. Para além desses estratos, 30,7% (8 atividades) compreendem a léxico-gramática, o contexto de situação e o contexto de cultura e em 3,8% (1 atividade) a semântica, o contexto de situação e o contexto de cultura.

Gráfico 4 - Estratos da linguagem contemplados pelas atividades de Produção de Textos da unidade 1



Fonte: Regner (2024, p. 141).

Diferentemente das atividades de AL, nas de Produção de Textos predominam os estratos do nível extralinguístico da linguagem, o contexto de situação e o contexto de cultura. O contexto de situação é apresentado inicialmente aos alunos por meio da proposta de Produção Textual, em que é determinado o exemplar do gênero a ser produzido, os interlocutores e o meio de circulação. Além disso, à proporção que o aluno materializa os questionamentos das atividades textualmente, ele não só pode criar diferentes personagens, mas também decidir os sentimentos, desejos (6) e ações. Por outro lado, as atividades pertencem ao contexto de cultura porque os alunos, enquanto sujeitos sociais, trazem para as produções as suas experiências e conhecimento de mundo.

(6) Pense na/no personagem que vai criar. Quem é ela/ele? No caderno, escreva palavras, expressões, frases para cada uma das possibilidades a seguir.

ELD#3 Seu maior desejo era...

Desse modo, no que diz respeito aos estratos da linguagem, apesar das atividades de AL prestigiarem prioritariamente os estratos da semântica e do contexto de cultura e permitir “[...] um movimento de análise do significado das escolhas linguísticas para a construção do gênero” (Regner, 2024, p. 143), em 65,4% das atividades de Produção de Textos o foco é o contexto de situação e o contexto de cultura. Assim, não há uma articulação entre as atividades de AL e Produção de Textos para o trabalho com a narrativa de ficção numa perspectiva de gêneros textuais porque além dos enunciados de Produção de Textos não explorarem, de forma proporcional, os níveis linguístico e extralinguístico da linguagem, eles também mobilizam a semântica, um dos estratos mais recorrentes nas atividades de AL, em apenas uma atividade.

Considerações finais

Nesta pesquisa, ao investigarmos as 21 atividades de AL e 26 atividades de Produção de Textos da unidade 1, *Da vida real à ficção*, constatamos que apenas se efetiva a articulação entre as práticas de linguagem para o trabalho com a narrativa de ficção em uma perspectiva de gêneros textuais no que diz respeito aos níveis de complexidade e processos cognitivos. Enquanto as atividades de AL requerem majoritariamente processos cognitivos dos níveis intermediário e básico de complexidade, 50% das atividades de Produção de Textos prestigiam o nível avançado de complexidade. Esses dados revelam que Delmanto e Carvalho (2018) propõem atividades aos discentes do 6º ano do Ensino Fundamental que perpassam diferentes andaimes e, por isso, a aprendizagem da língua é concebida como um processo constante.

Em contrapartida, não há uma articulação entre as atividades de AL e Produção de Textos no que tange aos objetos de conhecimento e aos estratos da linguagem. Em relação aos objetos de conhecimento, os movimentos retóricos do gênero não são explorados e a variação linguística, mobilizada nas atividades de AL, não leva o estudante a analisar o uso da língua na textualização da narrativa de ficção apresentada na unidade. Assim, as atividades de Produção Textual podem tornar-se frustrantes ao discente uma vez que as atividades de AL não fornecem os subsídios necessários para uma consciência estrutural e linguística acerca do gênero.

Por outro ângulo, no que envolve os estratos da linguagem, apesar dos enunciados de AL contemplarem, de forma equilibrada, os conhecimentos dos níveis linguísticos e extralinguísticos da linguagem, mais de 65% das atividades de Produção de Textos

explicam objetos de conhecimento voltados para o nível extralinguístico. Além disso, a semântica, um dos estratos mais recorrentes nas atividades de AL, é requerida em apenas uma atividade de Produção de Textos o que indica que o aluno analisa os efeitos de sentidos decorrentes do emprego de elementos linguísticos típicos do gênero, mas não é incentivado a mobilizá-los nas atividades de Produção de Textos.

Por fim, constatamos que as atividades de AL e Produção de Textos da unidade 1, seção *Leitura 1*, ao possuírem lacunas em relação aos objetos de conhecimento e estratos da linguagem, representam uma perspectiva de gêneros textuais em construção na coleção do PNLD 2022: *Português: conexão e uso*. Nesse viés, ao compreender a importância da efetivação da PAL em sala de aula em consonância com as demais práticas de linguagem propostas pela BNCC, espera-se que trabalhos futuros, na área da Linguística Aplicada, para além da Produção de Textos voltem olhares para a Leitura e a Oralidade no LD. Dessa forma, os professores da Educação Básica terão mais propriedade para analisar criticamente as coleções de livros didáticos do PNLD.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular:** Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_ver-saofinal_sit_e.pdf. Acesso em: 14 mar. 2024.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais:** língua portuguesa. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2023.

DELMANTO, D.; CARVALHO, L. de. **Português:** conexão e uso. 6º ano: Ensino Fundamental, Anos Finais/ Dileta Delmanto, Laiz de Carvalho - 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2018.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Introdução:** a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens, v. 2, p. 15-41, 2006.

FERRAZ, A. P. do C. M.; BELHOT, R. V. Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais. **Gestão & produção**, v.17, p.421-431, 2010.

FRANCHI, C. Criatividade e gramática. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 9, p. 5-45, 1987. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/tla/article/view/3748>. Acesso em: 2 fev. 2024.

GERALDI, J. W. (org.) **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006 [1984].

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fonte, 1991.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Halliday's Introduction to Functional Grammar**. 4. ed., New York, London: Routledge, 2014.

MENDONÇA, M. A. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M.; (Org.). **Português no ensino médio e formação do professor**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PIANO, K. F. **A prática de Análise Linguística no livro didático do 7º ano do Ensino Fundamental**. 2018. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/4013>. Acesso em: 27 jun. 2023.

PINTON, F. M; SILVA, J. S. Prática de análise linguística em atividades didáticas produzidas por professores de língua portuguesa em formação inicial: uma proposta de categorização da natureza e funcionalidade. **Revista Humanidades & Inovação**, Palmas (TO), 2021.

PINTON, F. M; BARRETO T. V; STEINHORST, C. Representações discursivas de professores de Língua Portuguesa em formação inicial sobre o eixo de Análise Linguística. **Revista Claraboia**, Jacarezinho/PR, 2022.

POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. Epistemologia teórica do nascimento da Prática de Análise Linguística: décadas de 80 e 90. In: PEREIRA,

R. A.; COSTA-HÜBES, T. da C. (org.). **Prática de Análise Linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 529p.

REGNER, A. P. **Prática de Análise Linguística: um olhar sobre as atividades da coleção Português: conexão e uso**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2024.

REGNER, A. P.; PINTON, F. M. Gênero carta aberta: um olhar sobre a prática de análise linguística no livro didático de língua portuguesa do sistema marista de educação. **Revista Fólio**, v. 14, n. 1, 2022.

RODRIGUES, B. **Entre a gramática tradicional e a prática de análise linguística nas atividades em livros didáticos de língua portuguesa no ensino médio: um estudo dialógico**, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/211376>. Acesso em: 23 jun. 2023.

SANTOS, P. H. R.; GOMES, R. O ensino de Análise linguística com o gênero tira em um livro didático do 6º ano do Ensino Fundamental. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**, v.14, n.1, p.202-217, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.unemat.br/index.php/react/article/view/4424/pdf>. Acesso em: 28 mar. 2023.

SCHMITT, R. M. **Base Nacional Comum Curricular: análise crítica de discursos sobre ensino de língua portuguesa**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021.

STEINHORST, C. **Desbravando os mares da Base Nacional Comum Curricular: a Prática de Análise Linguística**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.

Recebido em: 30/03/2024
Aprovado em: 02/06/2024



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.